

REVISTA ADVENTISTA

JANEIRO DE 1965

Ano Novo... Vida Nova...

Daniel e o seu Tempo

As Festas e os Sábados Cerimoniais
na Antiga Dispensação

ANO XXVI N.º 220

Mensagem aos nossos obreiros e a todos os nossos crentes

NÓS, os delegados ao Conselho Quadrienal da Divisão Sul-Europeia, realizado em Basileia, de 16 a 23 de Novembro de 1964, enviamos as nossas sinceras e fraternais saudações a todos e a cada um dos membros da nossa grande Família Adventista.

A comemoração do 90.º aniversário da chegada de J. N. Andrews, o primeiro missionário adventista à Suíça, dá-nos, hoje, uma melhor ideia do caminho pelo qual Deus dirige o seu trabalho, ao mesmo tempo que nos inspira para uma nova consagração, para seguirmos o exemplo dos pioneiros.

Ao ouvirmos os relatórios das várias actividades nas Uniões e demais Instituições da nossa Divisão podemos compreender a extensão do progresso registado desde o início, estando, assim, mais aptos a apreciar as bênçãos divinas. Damos graças a Deus e, de um modo muito especial, pelas abundantes bênçãos de todas as espécies, as quais, a despeito da nossa indignidade, largamente derramou sobre nós, durante estes últimos quatro anos.

Queremos, também, manifestar o nosso profundo apreço a todos os Irmãos e Irmãs das nossas igrejas, que, pelos seu zelo e fidelidade, contribuíram grandemente para uma maior proclamação desta última Mensagem.

A nossa gratidão vai especialmente para os nossos queridos missionários, que estão trabalhando em países longínquos, pelo trabalho que estão realizando, muitas vezes, em condições difíceis. Compartilhamos da sua alegria no número de almas salvas mediante os seus esforços.

Igualmente temos de confessar que muito mais e melhores resultados poderíamos hoje registar, se tivéssemos sido mais fiéis.

Precisamente para obviarmos esta nossa deficiência, foram votadas várias resoluções. O nosso principal objectivo é o de intensificar a nossa evangelização do mundo que se vai aproximando rapidamente do fim da sua história. Por isso devemos todos, sem excepção, exercitarmo-nos na proclamação da Segunda Vinda de Jesus e na santificação do povo de Deus. Entre outras decisões, votámos a necessidade de dedicar maior atenção a tudo quanto diz respeito à verdadeira observância do Sábado.

Finalmente, para podermos, efectivamente, realizar os nossos objectivos é, também, necessário chegarmos àquela perfeita unidade que o Senhor Jesus deseja e que Ele requiere de nós, conforme disse: «...para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles, como me tens amado a mim» (João 17:23).

SUMÁRIO

Mensagem aos nossos obreiros e a todos os nossos crentes
Editorial
Ano Novo... Vida Nova...
Notícias dos Açores
Foram a Terra e o Universo Estelar criados simultaneamente?
«Que faremos para executarmos as obras de Deus?»
Notícias do Campo
Daniel e o seu Tempo
As Festas e os Sábados Cerimoniais na antiga Dispensação
Oração de Ano Novo
O Auxiliar da Escola Sabatina

JANEIRO DE 1965

ANO XXVI N.º 210

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. MENDES, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17 - LISBOA

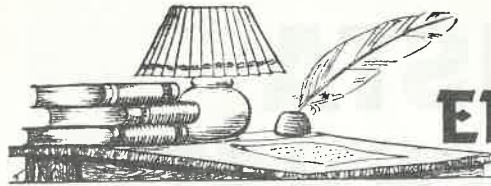
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

Mais um ano nos concedeu o Senhor na sua divina Providência. Rendamos-lhe louvores por tão grande benefício, pois de nós só temos o pecado e ingratidões que, por si sós, seriam suficientes para nos darem a morte. Mas, graças a Deus, à Sua infinita misericórdia, aqui nos encontramos, mais um ano com vida e praza a Deus, também todos com saúde. Que uma e outra possam ser postas ao serviço do Mestre para contribuirmos para abreviar a sua gloriosa Vinda.

Como de costume, aqui vos apresentamos algumas notícias.

A Escola Sabatina

Numa breve mensagem do Ano Novo que o Pastor Figuhr, Presidente da Conferência-Geral publicou recentemente no *Sabbath School Worker*, formula dois votos para 1965: em primeiro lugar que todos os nossos dirigentes da Escola Sabatina, em todas as igrejas consigam acrescentar muitíssimos outros alunos aos dois milhões de membros que constituem a grande família mundial da Escola Sabatina; em segundo lugar, que estes dirigentes saibam formar os seus alunos para que possam produzir resultados análogos!

«É necessário — escreve o Irmão Figuhr — convidar, sem perda de tempo, o maior número possível de pessoas a assistirem às nossas Escolas Sabatinas. A obra evangélica da Mensagem cumprir-se-á facilmente e simplesmente por intermédio dos membros das nossas Escolas Sabatinas: crianças, adolescentes e adultos. Os princípios de verdade que foram implantados nos seus corações de maneira directa e profunda, graças ao estudo da Palavra

de Deus, feito nas classes, Sábado após Sábado, podem igualmente transmitir-se a outros, através do mesmo canal. Basta para isso que os membros da Escola Sabatina dêem a conhecer a sua Escola Sabatina, em redor de si e que convidem a assistir tantas outras pessoas, na medida do possível. Quando todos tiverem assim cumprido o seu dever, Deus contribuirá com a sua parte, enviando o seu Espírito às almas sinceras tocadas por uma tal tarefa, e saberá convencê-las como outrora convenceu os membros zelosos, que, hoje, trabalham para Ele».

A tempo e a horas na Escola Sabatina e com a lição estudada, sete dias, todas as semanas — tal deve ser o nosso bom propósito para o Novo Ano.

Por isso, anunciamos que a partir do próximo número de Fevereiro, a nossa REVISTA ADVENTISTA vai reservar uma Página à Escola Sabatina.

Que Deus nos conceda a graça de sermos fiéis e diligentes estudantes da Escola Sabatina.

A Igreja ao trabalho

Pela graça de Deus a Igreja Adventista é conhecida pelas várias Denominações pela designação de «Uma Igreja ao trabalho». Se a nossa Igreja mereceu tal título é porque, efectivamente, tem trabalhado. Mas é necessário prosseguir na mesma senda. Na vida espiritual não podemos parar. Parar é morrer, porque a vida é movimento. Neste Novo Ano que se abre diante de nós, vamos encontrar grandes e ricas oportunidades para podermos trabalhar na grande Obra que o

(Continua na pág. 7)

Já é lugar comum a expressão que serve de epígrafe a estas linhas. Mas traduzem uma realidade para quem quiser, eficientemente, viver na plenitude de uma vida racional, digna, humana.

É necessário que cresçamos, continuamente, na nossa vida espiritual, sob pena de definhar, com todas as suas tremendas consequências.

Por isso, temos de prosseguir, sem desfalecimentos, no melhoramento da nossa personalidade, fortalecendo-a no caminho do bem, da virtude, de acordo com as directrizes divinas, expressas na Sagrada Escritura, assim como no Espírito de Profecia.

Muito se fala acerca de «personalidade». Por vezes não se sabe, exactamente o que é, nem em que consiste.

Sabemos, certamente, que a personalidade não é, de modo algum, qualquer coisa estática; muito pelo contrário; representa um verdadeiro movimento, pois é uma conquista contínua de tudo quanto representa a firmeza de juízo com a tenacidade da vontade, bem radicada nos bons propósitos.

A personalidade não consiste, apenas, na maneira de nos comportarmos no trato quotidiano. Estende-se a todos os factores que nos caracterizam: físicos, emocionais, intelectuais, morais. Pode dizer-se que a personalidade é qualquer coisa de mutável, porquanto traduz aquela tal conquista contínua destinada a firmar, cada vez mais, o próprio carácter.

A personalidade da criança é mais simples que a do adulto, porque a criança ainda não viveu o suficiente para poder retirar da experiência as lições de que necessita para a formação do carácter. Também conosco mesmo se passa quase a mesma coisa, no espaço de um ano, por exemplo. Durante todo um ano podemos ter aprendido duras lições de duras experiências que se forem devidamente aproveitadas, podem vir a ser deveras frutuosas.

A personalidade enlaça-se intimamente com o temperamento e o carácter. Esta união é tão íntima,

Ano Novo... Vida Nova...

tão interdependente, que se pode dizer que a personalidade assenta, como em dois polos, no temperamento e no carácter.

Quer um quer outro traduzem uma maneira uniforme de agir. Ora, para se chegar a este ponto, há que vencer, continuamente, todos aqueles impulsos inferiores e desordenados, que nos procuram impelir para o mal.

É bem uma conquista contínua a da personalidade.

Às vezes, numa pessoa de aparência física imponente pode albergar-se uma personalidade fraca, tímida, inconstante. Quem não recorda o adágio «Corpo grande, alma de pau»?

Outras vezes, numa aparência fraca, débil, pode haver uma personalidade férrea, capaz de movimentar multidões plétóricas de entusiasmo.

Tal é o segredo de uma personalidade forte, bem vincada, bem caracterizada.

Não é, portanto, o resultado de alguns poucos estudos, de alguns ligeiros esforços.

Pressupõe a atenção constante dirigida para um ideal necessariamente elevado e nobre.

É certo que há vários factores que ajudam a determinar a qualidade da personalidade, tais como: a hereditariedade, a influência ambiental, tanto da família, como da sociedade, e ainda os ideais que cada qual se propõe atingir.

E, além destes factores que podem classificar-se de ordem geral, há que ter em conta a própria formação individual, nomeadamente no domínio religioso.

No decorrer dos anos devia desenvolver-se, sempre, a personalidade, como um conjunto de princípios orientadores de uma in-

teligência esclarecida e de uma vontade forte.

Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de uma certa faculdade própria do Criador — a individualidade (ou personalidade) — faculdade esta de pensar

A. CASACA

e agir. Os homens nos quais se desenvolve esta faculdade são os que arrostam responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres. (*Educação*, pág. 17). Não esqueçamos que o homem vale, não pela inteligência, mas pela vontade, pelo carácter, pela personalidade.

«A maior necessidade do mundo é a de homens — homens que não se comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exacto; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é recto, ainda que caiam os céus». (*Educação*, pág. 57).

Mais um ano, prezados Irmãos e Irmãs, que o Senhor nos concede na sua infinita misericórdia. Só Ele, porém, sabe se o viveremos todo. Que no tempo que Ele nos concede possamos, de mãos dadas com o nosso Divino Salvador, prosseguir na senda da formação contínua da nossa personalidade «até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo». (Efésios 4:13).

Foram a Terra e o Universo Estelar criados simultaneamente?

(CONTINUAÇÃO)

Quando os Adventistas do Sétimo Dia se tornaram amplamente conhecidos, há algumas décadas, pela sua forte oposição às investidas dos advogados da teoria da evolução em desacreditarem o relato da criação da Terra como está em Génesis 1, repetíamos frequentemente a declaração divinamente inspirada de que «em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou» (Êxo. 20:11; 31:17). Considerando que a batalha contra o evolucionismo era travada principalmente sobre o assunto da origem da Terra e das criaturas que há nela, pouco ou nada se dizia em relação ao restante do universo. Daí alguns, mesmo em nossas fileiras, terem suposto que a declaração da Escritura de que «em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar, e tudo o que neles há», significa que todo o espaço cósmico e «tudo que neles há» foram criados em seis dias, nos mesmos em que a Terra fora criada.

Sendo um jovem ministro naquela ocasião, tornei-me um tanto perplexo em meu estudo de Génesis 1 e outras passagens bíblicas relacionadas. Conquanto estivesse fortemente convencido de que todo o universo material viera à existência pela divina ordem da Criação e não por algum processo a longo prazo, contudo não podia crer que todo o universo estelar fora criado nos seis dias em que a Terra o fora. «É possível,» perguntava-me a mim mesmo, «que nosso Criador, o imortal, eterno e omnipotente Deus, existisse só e num vácuo até que criasse a Terra há aproximadamente 6.000 anos?» Estaria eu enganado se admitisse, ao debater o assunto com pessoas inteligentes que a origem dos outros corpos celestes tenha antecedido a da Terra em milhões ou mais de anos?

Assim, sentei-me um dia e fiz uma lista dos principais ministros e professores adventistas do Sétimo

Dia que se destacavam entre nós como estudantes da Bíblia, especialmente os mais notáveis na defesa da doutrina do criacionismo contra as hipóteses do evolucionismo. Escrevi uma carta a cada um deles, e expus minha perplexidade e minhas perguntas. Todas as cartas foram respondidas, e sem excepção cada resposta tornava claro que seu autor não cria que todo o universo cósmico fora criado nos seis dias em que o mundo fora feito. Cada remetente concordava que sem dúvida muitos dos corpos celestes vieram à existência muito antes que fosse criado o nosso pequeno mundo. As palavras «céu» e «céus», na narrativa da criação da Terra, eram entendidas como se referindo primacialmente ao céu ou ar atmosférico que envolve o globo terrestre.

Num ponto somente havia alguma diferença de opinião expressa entre os remetentes das cartas. Alguns pensavam que o relato da Criação como está em Génesis 1, relacionava-se antes de tudo com a origem da Terra e não ao restante universo estelar. Outros pensavam que a descrição da Criação provavelmente inclui todo o sistema solar ao qual pertence a Terra, porque o registo do Génesis fala não apenas do Sol e da Lua mas também «as estrelas» (Gén. 1:16).

Embora o relato da criação da Terra mencione o Sol, a Lua e «as estrelas,» não podemos ainda falar em carácter definitivo a respeito da idade da Terra em relação à idade do restante do sistema solar. Contudo, a ideia de que todo o sistema solar possa haver sido criado no sexto dia do período da criação da Terra merece consideração. Nos tempos em que as Escrituras foram escritas costumava-se geralmente falar dos planetas visíveis do sistema solar simplesmente como «estrelas» ou «estrelas errantes». Ainda comumente falamos delas como «estrelas da noite» e «estrelas da

manhã.» Afirma Ellen G. White que «a Lua e as estrelas de nosso sistema planetário resplandecem pela luz reflectida do Sol.»⁽²²⁾ Pela palavra «estrelas» nesta passagem ela quer significar os orbes planetários que, não irradiando luz própria, brilham pelo reflectir a luz que recebem do Sol. Assim há a possibilidade de que a expressão «e as estrelas», em Génesis 1:16 pode referir-se aos planetas de nosso sistema solar.

Em resumo, conquanto seja verdade que os Adventistas do Sétimo Dia firmemente sustentam que a Terra foi criada pela ordem divina no período de seis dias há aproximadamente 6.000 anos, não argumentamos que todo o universo cósmico tivesse origem naquela ocasião. Há a possibilidade de que o restante do nosso sistema planetário fosse então trazido à existência. Contudo, não falamos dogmáticamente sobre este ponto. Outros corpos celestes existiam antes que nosso mundo fosse criado. Não nos abalancamos a dizer quão mais idosos são do que a Terra, porque as Escrituras não nos dizem especificamente quando foram criados. Muitos deles podem ter milhões de anos a mais do que o pequeno planeta que habitamos.

BIBLIOGRAFIA

(¹) *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 310, *Fundamentals of Christian Education*, págs. 22 e 23; *O Conflito dos Séculos*, págs. 10, 561, 599, 708, 711, 726; *Patriarcas e Profetas*, pág. 138.

(²) *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 13 e 18; *Patriarcas e Profetas*, pág. 74.

(³) *Parábolas de Jesus*, pág. 176; *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 264.

(⁴) *Conselhos aos Professores*, pág. 60.

(⁵) *Testimonies to Ministers*, pág. 324. (Ver também *Parábolas de Jesus*, pág. 190.)

(⁶) *Educação*, pág. 21; *Patriarcas e Profetas*, pág. 44.

(⁷) *Sanctificação*, pág. 77; *Testimonies*, Vol. 4, pág. 653.

(Continua na pág. 7)

«QUE FAREMOS PARA EXECUTARMOS

AS OBRAS DE DEUS?»

CONSIDERANDO o relato de S. João, cap. 6 vers. 24 a 29, depreendemos que o principal motivo da solicitude daquela «multidão», buscando Jesus, era essencialmente material, tendo em vista o pão e o peixe com que, generosamente, Jesus lhe saciara a fome. O próprio Jesus põe em destaque esse facto, ao denunciar: «Na verdade vos digo que Me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes».

E, acto contínuo, o oportuno e sábio conselho, a amorável e necessária exortação, fluem de Seus lábios para aquelas desnordeadas e rudes almas, sempre atentas a todas as vantagens materiais, mas cegas ao fulgor das riquezas espirituais, consubstanciadas em Jesus e, das quais Ele Se fizera Portador e pródigo Doador: «Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a Este o Pai, Deus, o selou».

Dando às coisas principais o primeiro lugar, Jesus revela a sublimidade da ordem e suprema sabedoria do Céu, tão opostas às do mundo, para o qual, o material, o corruptível, o perecível, impera e domina soberanamente. Noutra ocasião, já recomendara: «Buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça» (Mat. 6:33). Seus ouvintes compreenderam que, trabalhar «pela comida que permanece para a vida eterna», implicava realizar algo que se ajustasse com a justiça divina. Por isso perguntaram: «Que faremos, para executarmos as obras de Deus?»

É altamente significativa a resposta de Jesus: «As obras de Deus» abrangem toda a profundidade da sabedoria e da justiça do Céu. Jamais o finito ser humano poderia abarcá-las e enquadrá-las na sua acanhada compreensão. Jamais a limitada capacidade do homem poderia assimilá-las e dar-lhes rea-

lização plena e satisfatória, porque «as obras de Deus» são puras, levam o cunho da santidade e da justiça que o homem não possui nem pode comunicar. Respondendo à pergunta: «Que faremos...», Jesus fê-lo de modo a que compreendessem: Nada. Nada podeis fazer «para executar as obras de Deus». Ele não aceita algo menos do que JUSTIÇA, e isso vós não tendes. Todo o vosso esforço seria nulo, todo o vosso empenho frustrado. É-vos dado, tão-somente, crer em MIM. «A obra de Deus é esta: que creiais n'Aquele que Ele enviou». «Eu sou o pão da vida».

Só aceitando Jesus, crendo n'Ele e alimentando-se d'Ele, pode a fraca e depauperada natureza humana ser fortificada, habilitada e capacitada para «toda a boa obra». «Sem Mim, nada podeis fazer» (João 15:5), afirmou Jesus. «Porque somos feitura Sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas». (Efé. 2:10).

«Que faremos para executarmos as obras de Deus?» — Recorrer a Jesus, franquear-Lhe o nosso coração, facilitar-Lhe a entrada nele. «Eis que Eu estou à porta, entrarei...» (Apo. 3:20). É somente assim, dando guarida a Jesus em nosso coração, que seremos transformados, fortalecidos, revigorados por Seu Santo Espírito, o Qual passará a produzir em nós e através de nós os frutos que Lhe são próprios: «Caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança» (Gal. 5:20). Estas são «as obras de Deus», contra as quais não há lei, porque são justas, boas e agradáveis aos Seus olhos.

«Que faremos para executarmos as obras de Deus?» — Não esqueçamos que «as obras de Deus»... são «as obras de Deus». E se são «as obras de Deus», não são as nossas obras. Jámais as poderemos produzir naturalmente. «Quem do

imundo tirará o puro?» (Job. 14:4). «Dou graças a Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor». (Rom. 7:25).

Eis o mistério revelado!... Eis o maravilhoso segredo da vitória! Cristo em nós, esperança da glória (Col. 1:27); Cristo formado em nós (Gal. 4:19); Cristo habitando pela fé, em nossos corações (Efé. 3:17).

Sim, Jesus oferece-se para ser a nossa Justiça, a nossa Força, a nossa Capacidade, a nossa Suficiência, o nosso Tudo.

Ao revestir S. Paulo com a armadura do Espírito, o Apóstolo pôde exclamar: «Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece». (Fil. 4:13).

Senhor, ajuda a nossa fraqueza!... «Senhor, dá-nos sempre desse pão» (João 6:34), alimenta a nossa fé, fortalece-a com o Teu divino Poder, e capacita-nos para que em nós e através de nós, sejam manifestadas «as obras de Deus», produzidos os Frutos que vos agradam, irradiada a luz da Verdade que nos revelaste!

Anima-nos e ajuda-nos a trabalhar, incansavelmente, «pela comida que permanece para a vida eterna»!

Nós cremos e confessamos que Tu és «o Pão de Deus» que desceu do Céu para dar vida ao mundo!

Creemos que toda a alma faminta e sedenta de justiça encontrará em Ti, vivificante manancial onde refazer-se da sua debilidade espiritual e avigorar a sua fé!

Cremos ser a vontade de Deus Pai, que todo aquele que Te busca e acha, — oh, Pão da vida — e em Ti crê e confia, e de Ti se alimenta, seja ressuscitado «no último dia» e «tenha a vida eterna». (João 6:40).

«Senhor, dá-nos sempre desse pão»!

R. M.

NOTÍCIAS DOS



Grupo de novos Irmãos e Irmãs dos Açores

PELO Espírito de Profecia sabemos que vivemos em tempos emprestados e que deveríamos estar no Eden restaurado se fôssemos mais zelosos.

Nosso Senhor não pode voltar, e Sua Obra não será finalizada senão quando a bendita Mensagem dos três anjos for «levada a todo o mundo em testemunho a todas as gentes». Então sim, o fim virá. A obra de evangelizar os milhões que nos rodeiam ainda está longe de ser compreendida pelos grandes grupos de estrangeiros que vagueiam em fausta peregrinação como nos dias de Noé, e nós como Obreiros do Senhor e como membros de Sua Igreja que fazemos para alcançá-los? Quantas almas não morrem no círculo da nossa vizinhança sem nunca terem ouvido falar de Jesus? Estou convencido que o trabalho pessoal de casa em casa, tal como Paulo o fazia (Actos 20:20) é de grande importância e é o melhor meio de alcançar as almas.

Nestas fotografias apresento-vos algumas famílias que embora fossem membros duma Igreja Evangélica abraçaram a verdade do Sábado e depois da respectiva instrução bíblica entraram nas águas do baptismo. Mas quantas lutas e quantas perseguições não sofreram? Quantos insultos e ofensas? Jesus não cometeu o erro de apresentar a vida do cristão como sendo fácil. Afim de

convencer-se disso, tudo quanto o crente tem que fazer é ler diligentemente as experiências daqueles a quem Deus escolheu para escrever, guiados por Sua mão providencial. Deixai que por um instante a película de quadros bíblicos seja projectada na vossa mente, e aí vereis José, ou Daniel, ou David, ou Paulo, ou Jesus. Ao pensar em José, pensais em prisão. Ao pensardes em Daniel, pensais na cova dos leões. Ao pensardes em David, pensais em sacrifício, e ao pensarmos neste fiel grupo de membros de

S. Miguel, pensamos no versículo de Apoc. 12:17, que diz que o diabo veio fazer guerra aqueles que guardam os Mandamentos. Mas estes novos crentes da Lomba e Salga não estão sós. Com eles estão as nossas orações e a visita sempre animosa de alguns crentes de Ponta Delgada que aí se deslocam aos Sábados para o Estudo da Escola Sabatina. A hora do culto é solene e de grandes decisões. Temos já uma sala própria feita com muitos sacrifícios e reunindo-nos aí duas vezes por semana melhor compreendemos que aos Adventistas do Sétimo Dia foi confiada uma tarefa de proporções gigantescas — alcançar cada lar com a Mensagem de salvação para este tempo. O apóstolo S. Marcos acentua o facto de que o Evangelho deve ser levado a toda a criatura 16:15 e dizem-nos os escritos do Espírito de Profecia que «onde quer que se estabeleça uma Igreja, todos os membros devem empenhar-se em trabalho missionário. Devem visitar cada família

Outro animoso grupo de Irmãos e Irmãs açoreanos



AÇORES

Orlando Costa

da vizinhança e conhecer sua condição espiritual». Test. vol. VI pág. 296.

Nas Furnas, povoação a cerca de 50 Kms de Ponta Delgada e onde fazemos uma reunião por semana, o diabo trabalhou incessantemente procurando desanimar os que ouviam a Palavra do Senhor. Na pessoa do sacristão fez tantos descatos que tivemos de pedir a intervenção das autoridades. Como resultado, 3 pessoas duma família de 4 aceitaram o baptismo e o 4.º está-se preparando juntamente com outra família para se entregarem ao Senhor. As Igrejas protestantes estão em guerra aberta contra nós. Um pastor evangélico acompanhado dum membro duma outra Igreja, vieram à minha casa de propósito para me ofenderem e foi-me pedido que abandonássemos o trabalho na Lomba e Salga. Num debate público e com uma assistência para mais de 300 pessoas esse pastor protestante ficou transtornado e no fim de quase duas horas em que lhe foi apresentada a verdade do Sábado safu rompendo a multidão e declarando que quis falar mas havia alguma coisa que lhe apertava a garganta e não o deixava falar. Sim, o Senhor fechou a boca do leão, e no dia imediato, tivemos 21 baptismos. Muitas pessoas se decidiram nessa noite memorável a aceitar o Sábado do Senhor. Obrigado ao pastor protestante pela ajuda que deu à Causa Adventista.

Na Ilha do Faial, uma menina e sua mãe foram a casa do Pastor para saberem mais da Igreja Adventista, porquanto lhes chegara às mãos uma Revista das Missões; como resultado vão ser baptizadas dentro em breve. Que diremos daquela senhora da Ilha do Pico que depois de ter vagueado na lama da corrupção chorou, e arre-



Cada membro de Igreja, um missionário, nos Açores

pendeu-se ao assistir às nossas pregações? Será nossa Irmã ainda também este mês. Sim, meu Irmão, o trabalho nos Açores é o cumprimento da Palavra do Senhor, que o completa e abrevia.

Quando recentemente estive na Ilha Terceira, foram-me apresen-

tados dois motoristas de táxi que tomaram conhecimento da Verdade, e no Sábado «descansam conforme o Mandamento».

Não te esqueças de nós nas tuas orações, se queres ter uma parte connosco neste trabalho nas Ilhas dos Açores.



(Continuação da pág. 2)

Senhor nos confiou. Jesus conta com o nosso trabalho, com o nosso melhor esforço, pois preparou para cada um de nós uma tarefa que deseja que realizemos. Teremos coragem para Lhe voltar as costas? Seria pactuar com o inimigo das nossas almas.

Saibamos colaborar com entusiasmo, com generosidade, no trabalho missionário para levarmos o conhecimento de Jesus a toda a parte.

Prezados Irmãos e Irmãs! Aqui vos deixo com as minhas saudações fraternais os votos do fundo do coração de que o Senhor vos conceda as suas mais escolhidas e preciosas bênçãos e que nos dê a todos um grande desejo de trabalharmos, mais e melhor, para apressarmos a Vinda do Salvador.

A. Casaca

Foram a Terra e o Universo Estelar criados simultaneamente ?

(Continuação da pág. 4)

(⁸) *Santificação*, pág. 75.

(⁹) *Conselhos aos Professores*, pág. 60, *Educação*, pág. 99; *O Conflito dos Séculos*, pág. 702.

(¹⁰) *Testemunhos Selectos*, Vol. 1, 3, págs. 259 e 260.

(¹¹) *A Ciência do Bom Viver*, pág. 366.

(¹²) Ellen G. White em *Signs of the Times*, 13 de Março de 1884.

(¹³) *Educação*, pág. 126.

(¹⁴) *The Ministry*, Janeiro de 1959, págs. 43 e 44.

(¹⁵) *Patriarcas e Profetas*, pág. 27.

(¹⁶) *Idem*, pág. 32. (Ver também *O Conflito dos Séculos*, pág. 538.)

(¹⁷) *Patriarcas e Profetas*, pág. 33. (Ver também *O Conflito dos Séculos*, págs. 538 e 539.)

(¹⁸) *The Story of Redemption*, pág. 19.

(¹⁹) Ellen G. White em *Signs of the Times*, de 10 de Junho de 1903, pág. 2.

(²⁰) *Patriarcas e Profetas*, pág. 359.

(²¹) *Idem*, pág. 44 (Ver também *Educação*, pág. 21.)

(²²) *Educação*, pág. 14; *Obreiros Evangélicos*, pág. 50.

Cova da Piedade, Almada e Seixal

É significativo e encorajador para nós, o que se descreve em I Samuel 7:7-12 e muito de salientar o que se contém no verso 8: «Não cesses de clamar ao Senhor nosso Deus por nós, para que nos livre da mão dos filisteus». Vemos como o profeta se empenha e esmera em pedir ao Senhor; e estou certo de que o povo se lhe associou, e como imediatamente se verificaram os maravilhosos resultados. Como Deus operou, como os filhos de Deus lutaram confiantes na vitória que o Senhor lhes daria e ainda como Samuel se desvaneceu em agradecimentos, dando por isso o seu testemunho. EBENEZER «Até aqui nos ajudou o Senhor».

Esta tem sido a nossa experiência também, prezados leitores da nossa tão querida Revista.

Em presença da tão árdua tarefa que nos deram (dirigir e animar três rebanhos) ou melhor três secções do rebanho do Senhor; algo nos queria fazer vacilar, mas clamamos ao Senhor e Ele nos ouviu e fortaleceu, e agora chegados ao fim de mais um ano podemos dizer como disse Samuel e o povo: «Até aqui nos ajudou o Senhor». Tal como eles obtivemos também a vitória.

Os nossos alvos foram quase todos ultrapassados e posso informá-los que da minha parte contribuí somente com o que é normal, e o resto foi o que cada um fez e deu. Toda a igreja trabalhou e todos tão compenetrados estiveram dos seus deveres para com o Pai Celestial que já no fim do 3.º trimestre estavam concluídos todos os alvos das igrejas.

A todos nós causou admiração o interesse manifestado nas reuniões da **Semana de Oração**; pois em cada dia as salas se encheram de crentes e visitas, e no Sábado final, além de muitos irmãos, algumas visitas deram o seu testemunho espontâneo de agradecimento ao Altíssimo, respondendo assim ao nosso apelo por uma maior união e consagração. Nas três igrejas,

demos as mãos em oração num forte testemunho de Unidade e desejo de continuar unidos em volta do estandarte do Príncipe Emanuel, nosso Comandante. Reiteramos mais uma vez a nossa firme decisão de nos mantermos indefectíveis e intransigentes numa frente corajosa e indissolúvel para a continuação desta obra sublime até darmos entrada na Pátria Ce-



Os novos prezados Irmãos e Irmãs da Cova da Piedade

lestial. Vai ainda um muito obrigado aos nossos irmãos que tão dedicadamente compareceram e leram as mensagens cada dia.

Quanto a batismos, tomamos parte em várias sessões e até Novembro tivemos o privilégio de ver as nossas igrejas aumentadas em onze irmãos, esperando que Deus nos concederá em Dezembro mais duas almas.

Ficou bem gravada na nossa memória a vitória que o Senhor nos concedeu na pessoa do querido irmão José Borges Pacheco de Lima, que mesmo servindo a Pátria na província da Guiné não se esquece dos seus deveres para com o Pai, pois dali continua pedindo as nossas orações e se associou ao jejum que fizemos e tem enviado escrupulosamente os seus dízimos,

não se apartando da Bíblia que muito o tem animado como se expressa nas suas cartas. Falo deste jovem porque em tempos cheguei a julgar impossível a sua entrega, por circunstâncias várias, quanto mais com tamanha fé que tem evidenciado; peço que todos orem por ele pois grande necessidade tem ele agora das nossas orações.

A fotografia mostra o grupo de crentes que no dia 3-10-64 se entregou, tendo para o efeito se deslocado à igreja de Alvalade.

São eles, da esquerda para a direita: irmã Nogueira, irmãos, José Borges e Aníbal Vieira e irmã Deolinda Guimarães.

Continuamos com classes baptismais em casas particulares, que são verdadeiros alfobres de crentes e pensamos jamais nos apartar delas e de novo pomos a nossa pedra como testemunho como fez Samuel naquele tempo: «Até aqui nos ajudou o Senhor».

A nossa juventude da Cova da Piedade e Almada está preparando a sua festa do Natal que promete ser tão excelente como foi a das Mães e é organizada pela sua Directora Ana Bernardo, estando a parte coral a cargo do jovem Carlos Alberto Diogo. Desde já convidamos os jovens de Lisboa e outras igrejas a assistir na certeza de ficarem satisfeitos.

Além das muitas bênçãos que o Senhor nos tem concedido, temos a acrescentar mais esta: o convite que nos fizeram para participar no Curso Bíblico que se está a efectuar em Lisboa. É verdade que é mais uma tarefa, mais uma responsabilidade mas será mais um benefício a acrescentar a tantos outros que o Senhor nos tem dado. Agradecemos estamos também aos nossos Directores por esta iniciativa e oportunidade que nos concederam.

Além da minha pessoa, temos os jovens Artur Simões e Manuela Betencourt como representantes desta igreja da Cova da Piedade.

Seja Deus louvado por tudo.

Adelino Nunes Diogo.

Do primeiro ao segundo exílio

PROF. SIEGFRIED H. HORN

A hegemonia neo-babilónica debalde contrastada pelo decadente império egípcio. Os últimos soberanos de Judá — O segundo exílio dos Judeus

No início da Primavera do ano 605 A. C. o exército babilónico deixou pela primeira vez a capital sob o comando de Nebuchadnezzar, o príncipe herdeiro. Seu pai, Nabopolassar, que tinha dirigido o exército em muitas campanhas vitoriosas, adoeceu e virá-se obrigado a permanecer no palácio. Nebuchadnezzar dirigiu-se para noroeste e atacou os Egípcios em Carquemish. A cidade caiu depois de uma grande batalha e os Egípcios foram postos em debandada. Reorganizaram-se em Hamat, na Síria Central, mas numa segunda batalha foram duramente batidos pelos Babilónios e fugiram desordenadamente para o seu país, perseguidos pelas tropas vitoriosas de Nebuchadnezzar.

Na sua marcha através da Síria e da Palestina, os Babilónios tomaram várias cidades. Entre as cidades que opuseram ao invasor pequena resistência ou que se renderam sem resistir, conta-se Jerusalém, a capital do pequeno reino de Judá. Nebuchadnezzar contentou-se com aceitar a submissão de Joaquim mas pretendeu a entrega de um certo número de reféns como garantia contra eventuais insubordinações ou rebeliões. A lista dos reféns compreendia alguns membros da família real, entre os quais figuravam Daniel e os seus três companheiros (Daniel 1:3, 6). Nebuchadnezzar escolheu também alguns vasos preciosos e outros objectos pertencentes ao tesouro do Templo e levou-os para Babilónia como presa de guerra; provavelmente colocou estes objectos no museu real, cujas ruínas foram descobertas recentemente.

É possível que Jerusalém se tivesse rendido sem combater e que Nebuchadnezzar ali tivesse estado durante algum tempo. Tendo pressa

de concluir a campanha contra os Egípcios, avançou rapidamente contra o Egipto, quando improvisadamente lhe chegou a notícia da morte do pai (15 de Agosto de 605 A. C.). Havia o perigo de que qualquer usurpador se aproveitasse dessa circunstância para se apoderar do trono da Babilónia, enquanto o príncipe herdeiro, legítimo sucessor, se encontrava a muitas milhas de distância. Por isso, Nebuchadnezzar resolveu regressar imediatamente à capital seguindo o caminho mais curto e na máxima velocidade.

Tendo confiado os prisioneiros e os reféns aos seus generais, Nebuchadnezzar ordenou-lhes que o fossem seguindo através da Palestina e da Síria até a Mesopotâmia setentrional. Era possível que tivessem de combater para defender o trono e em tal eventualidade necessitava das tropas imperiais. Provavelmente, atravessou o deserto entre Damasco e Babilónia, via Tadmor, mais conhecida pelo nome de Palmira.

As crónicas babilónicas informam-nos de que chegou à Babilónia a 7 de Setembro, cerca de três semanas depois da morte do pai, encontrando tudo em ordem, pelo que pôde assumir as prerrogativas reais sem nenhuma oposição. Deste modo foi-lhe possível tornar a partir quase imediatamente para uma nova campanha militar.

Antes do fim daquele mesmo ano, Nebuchadnezzar (também conhecido pelo nome de Nabucodonosor) voltou à Síria para aniquilar alguns centros de resistência e reorganizar os territórios que conquistara como consequência da derrota dos Egípcios. Tais territórios tornaram-se parte integrante do Império Babilónico. Desde então as crónicas babilónicas falam de cam-

panhas militares anuais na Síria e na Palestina.

Durante uma destas campanhas, em 604 A. C. foi conquistada Ascalon, uma grande cidade na costa palestinense. Em 601 A. C. as tropas de Nabucodonosor encontraram-se novamente com as egípcias, mas esta batalha, da qual se ignora o local, terminou com a retirada e talvez com a derrota das tropas babilónicas. Foram necessários 18 meses para Nabucodonosor reorganizar o seu exercício e estar apto a renovar a guerra.

Joaquim, rei de Judá, devia seguir com muito interesse os acontecimentos políticos que levaram à batalha de 601 A. C. entre Babilónios e Egípcios. Certamente não lhe escapara que depois da dupla derrota de Carquemish e de Hamath, em 605 A. C., o exército egípcio tinha sido reorganizado e que parecia estar agora bastante forte para poder bater qualquer força babilónica. Egipsófilo e anticaldeu por inclinação, Joaquim rompeu, finalmente com Nabucodonosor e, novamente, fez causa comum com o Egipto. A Bíblia afirma que isto aconteceu depois de ter estado sujeito a Nabucodonosor durante três anos (II Reis 24:1), portanto, por volta do ano 602 A. C. Que a estimativa de Joaquim acerca do poder militar do Egipto não era totalmente desprovida de fundamento, manifestou-se claramente quando, como se disse, o exército egípcio não só fez frente ao babilónico, como também lhe infligiu uma boa derrota.

Contudo essa estimativa de Joaquim demonstrou-se errada num futuro mais distante, porque, ao passo que os Babilónios se recompueram depois daquela derrota, os Egípcios tornaram-se «um bordão

de cana quebrada, no qual, se alguém se encostar, entrar-lhe-á pela mão e lha furará» (II Reis 18:21). Nunca mais ele representaria uma séria ameaça à supremacia de Nabucodonosor na Síria e na Palestina. Nabucodonosor não pôde punir imediatamente a rebelião de Joaquim, porque depois da derrota de 601 A. C., como dissemos, teve de reorganizar as suas tropas.

Provavelmente, foi esta a razão pela qual o soberano caldeu permitiu às nações circunvizinhas, inimigas tradicionais dos Judeus, que os atormentassem o mais possível. Bandos de assaltantes, vindos de toda a parte começaram a fazer razias no infeliz país de Judá, reduzindo à miséria os seus habitantes. O facto é narrado no II Livro de Reis 24:2: «O Eterno enviou contra ele (Joaquim) as tropas dos caldeus, e as tropas dos sírios e as tropas dos moabitas e as tropas dos filhos de Amon; e as enviou contra Judá, para o destruir».

Tendo reorganizado o exército, Nabucodonosor, em 599 A. C. estava em condições de retomar as operações militares. Efectivamente, naquele ano, vamos encontrá-lo novamente na Síria empenhado contra tribos árabes. Concluída esta campanha síriaca em 599 A. C. e no ano seguinte, Nabucodonosor volta de novo a sua atenção contra o rebelde Judá e em Dezembro de 598 dirigiu-se com as suas tropas contra este país para o castigar pela sua traição.

Entretanto, o rei Joaquim caiu, possivelmente, nas mãos de forças hostis; foi algemado para ser enviado para Babilónia como prisioneiro; morreu, porém, de repente, talvez em consequência dos maus tratos que lhe devem ter infligido os que o tinham capturado. O seu corpo foi deitado para fora das muralhas de Jerusalém e ali jazeu durante vários dias, antes de ser sepultado. (II Crônicas 36:6; II Reis 24:6; Jeremias 22:18, 19; 36:30). Seu filho de 18 anos, também chamado Joaquim, subiu ao trono, mas passados apenas três meses de governo, chegou Nabucodonosor a Jerusalém com as suas tropas; aconteceu isto em Março de 597 A. C. O jovem soberano julgou prudente render-se; Nabuco-

donosor deportou-o para a Babilónia juntamente com a família e 10000 habitantes — soldados e artesãos.

Este segundo ataque a Jerusalém teve lugar, segundo as crônicas babilônicas, a 16 de Março de 597 A. C. É a primeira data precisa de um acontecimento bíblico revelada por um documento extra-bíblico. Nabucodonosor, que esperava que Judá pudesse manter-se como um estado vassalo embora conservasse o próprio rei e a própria administração, colocou no trono a Matanias, o irmão mais novo de Joaquim, em vez do jovem sobrinho. Matanias jurou perpétua submissão a Nabucodonosor que lhe mudou o nome para Zedequias, que significa «Justo é Yavé».

Antes de prosseguirmos com a narração da história de Judá, recordemos que em Babilónia, enquanto decorriam estes acontecimentos, viviam no exílio muitos Judeus. Em 605 A. C. tinha sido deportado para a Babilónia o jovem Daniel, juntamente com outros reféns e provavelmente com muitos outros Judeus. No capítulo primeiro do livro de Daniel conta-se como ele e três seus companheiros foram escolhidos para serem instruídos e preparados para o serviço na corte imperial e como eles nunca faltaram aos seus princípios religiosos que haviam recebido na infância. Narra-se também como Deus premiou a sua fidelidade em muitas circunstâncias difíceis.

Daniel permaneceu fiel ao seu Deus, mesmo nos anos sucessivos e foi um grande homem de Estado e conselheiro de Nabucodonosor. Com grande pena deve ter tido conhecimento do comportamento desleal do rei Joaquim, na pátria. Sabemos pelo livro de Jeremias que entre os exilados da Babilónia e os seus amigos que tinham ficado na pátria, havia uma troca de correspondência e podemos supor que Daniel estava bem informado acerca do que se passava na sua terra longínqua. É, portanto, provável, que tivesse conhecimento das acções irreverentes e criminosas de Joaquim, assim como da destruição de um rolo contendo as profecias de Jeremias, assim como do assassínio

do profeta Urias e a tentativa de fazerem o mesmo a Jeremias (Jeremias 36:23, 26; 26:20, 21, 23).

Daniel deve ter seguido com ansiedade os acontecimentos políticos que durante um certo tempo pareceram justificar a rebelião de Joaquim contra Nabucodonosor e a sua lealdade para com o faraó Neco. Mas viu também partir de Babilónia um poderoso exército contra a sua pátria (598 A. C.) e poucos meses depois viu chegar à Babilónia, milhares de exilados judeus, bons soldados e hábeis artistas para engrossarem as fileiras do exército babilónico. Muitos outros foram obrigados a trabalhar nas grandiosas obras públicas destinadas a tornar Babilónia uma capital de uma vastidão e um esplendor jamais vistos no mundo. Também viu chegar à Babilónia a família real. Sabemos por inscrições encontradas entre as ruínas do palácio meridional de Nabucodonosor que nos primeiros anos do exílio o rei Joaquim foi tratado com respeito pelos Babilónicos. Estas inscrições informam-nos que o monarca exilado recebia dos depósitos reais uma ração de alimentos vinte vezes superior à que recebia um cidadão vulgar. O que nos leva a pensar que estava autorizado a ter consigo alguns criados, porque as rações fornecidas aos filhos estão mencionadas à parte.

Entre os Judeus levados para o cativeiro em 597 A. C. figurava um profeta chamado Ezequiel. Possivelmente, Daniel conheceu-o, como é certo que este conheceu Daniel e teve dele uma altíssima consideração, pois nos seus escritos colocou-o no mesmo nível de Noé e de Job (Ezequiel 74:14, 20).

Ezequiel estabeleceu a sua residência em Nipur ou nos arredores daquela cidade, na Baixa Caldeia, junto do canal de Chebar (cap. 1:1). Foi grande conselheiro e chefe espiritual dos Judeus exilados (cap. 8:1).

Daniel, que naquela época tinha um alto cargo administrativo na corte da Babilónia, provavelmente ficou bastante perturbado por causa de certas actividades deploráveis que se desenvolviam entre os exilados da Babilónia e os Judeus que tinham ficado na pátria. Surgiram

(Continua na pág. 24)

RIFAI BURHANUDDIN

M. Kalitouw oficial de polícia indonésio, aceitou a Mensagem Adventista, mas a esposa, uma fervorosa muçulmana, nem sequer o deixou explicar-lhe as razões da sua conversão. Como consequência aquele lar tornou-se infeliz. Contudo, quando a sra. Kalitouw ouviu um antigo muçulmano, o Pastor Burhanuddin, dar dos princípios cristãos uma explicação fundada no Alcorão, a sua curiosidade desperitou. Depois de numerosos estudos bíblicos, aquela senhora convenceu-se de que a religião do marido era a verdadeira, e o seu lar voltou a ter harmonia.

Aquela nova cristã, desde então não teve senão um desejo: comunicar a sua nova fé ao seu próximo. Bem depressa, várias famílias vizinhas se reuniam nas noites de quarta-feira para ouvirem o Pastor comparar os ensinamentos cristãos com os do Islão. Pouco depois, organizou-se uma Escola Sabatina em casa dos Irmãos Kalitouw com os membros mais interessados daquele grupo. Os esposos Ing, entrados recentemente ao serviço da Irmã Kalitouw encontravam-se entre os mais assíduos. Tinham sempre observado o Sábado, sem conhece-

rem a existência dos Adventistas do Sétimo Dia.

Aquela Escola Sabatina anexa tem agora cerca de 40 membros, alguns dos quais figuram na gravura que ilustra este artigo.

Uma das grandes necessidades da Indonésia é, certamente, a de ter mais Obreiros para se ocuparem dos interessados, cujo número aumenta sem cessar.

É, porém, necessário que estes novos quadros recebam uma boa formação ministerial. E onde lhes poderá ser ministrada senão na nossa Escola Setentrional das Celebes? Mas esta Escola ainda tem de se desenvolver para que ali se possam preparar convenientemente os futuros obreiros. Eis porque uma parte do excesso das ofertas do próximo 13.º Sábado será destinado a melhorar as condições materiais da Escola naquela região tão prometedora para a Divisão do Extremo-Oriente.

Quando puserdes de lado as vossas ofertas, lembrai-vos das nossas necessidades assim como das possibilidades ilimitadas na evangelização dos muçulmanos da Indonésia. Nós vos agradecemos de todo o nosso coração.

No passado mês de Outubro consorciaram-se, na igreja de Lisboa os nossos prezados Irmãos D. Maria de Lourdes Leal Chaves e Aníbal Pereira Baptista.



Assistiram à cerimónia numerosos Irmãos e Irmãs, assim como muitos amigos dos noivos.

Presidiu o Pastor Manuel Laranjeira que pronunciou uma inspirada alocução alusiva ao acto que se estava a desenrolar.

No final os noivos foram efusivamente cumprimentados pelos presentes.

Que Deus derrame as mais preciosas bênçãos sobre o novo Lar Adventista são os nossos cordiais votos.

Da esquerda para a direita — um Irmão; o Irmão Wijada (pai da Irmã Kalitouw), Irmão Ing, Irmã Fing, Irmã Kalitouw, Irmão Kalitouw; à frente: os dois meninos Fing



TABELA DO PÔR-DO-SOL DE SEXTA-FEIRA EM PORTUGAL	
JANEIRO:	
Dia	Hora
1	17.25
9	17.32
16	17.40
23	17.47
30	17.56

Calendário Adventista para 1965

1.º TRIMESTRE

JANEIRO

- 2 — Dia Missionário e Oferta;
- 16-23 — Campanha da Liberdade Religiosa e Oferta.

FEVEREIRO

- 6 — Dia Missionário e Oferta;
- 13 — Dia pró-observação do Sábado;
- 20 — Dia do Lar Cristão e Altar da Família;
- 20-27 — Semana do Lar Cristão;
- 27 — Dia da Educação e Oferta para as Escolas Primárias.

MARÇO

- 6 — Dia Missionário e Oferta (Visita aos Lares);
- 13 — Oferta de Extensão Missionária;
- 13 — Dia da Escola Sabatina;
- 20 — Dia dos Missionários Voluntários;
- 20-27 — Semana dos Missionários Voluntários;
- 27 — Dia de Baptismos;
- 27 — 13.º Sábado.

2.º TRIMESTRE

ABRIL

- 3 — Campanha das Missões;
— Granda Semana;
- 24 — Dia das Vocações.

MAIO

- 1 — Dia das Dorcas e Oferta para a Sociedade Missionária;
- 8 — Oferta para Sinistrados;
- 15 — Dia do Espírito de Profecia;
- 29 — Educação Cristã e Oferta para as Escolas Primárias.

JUNHO

- 5 — Dia da Voz de Profecia (Inscrições para a Escola Rádio Postal);
- 12 — Dia das Classes Progressivas;
- 19 — Dia de Baptismos;
- 26 — 13.º Sábado.

3.º TRIMESTRE

JULHO

- 3 — Dia Médico Missionário e Oferta;
- 10 — Oferta de Verão para as Missões;
- 31 — Educação Cristã e Oferta para as Escolas Primárias

AGOSTO

- 7 — Dia pró-evangelização de novos territórios;
— Oferta para a Sociedade Missionária;

SETEMBRO

- 4 — Dia dos Vendedores Evangelistas e Oferta para a Sociedade Missionária;
- 18 — Dia de Baptismos;
- 25 — 13.º Sábado.

4.º TRIMESTRE

OUTUBRO

- 2 — Dia Missionário e Oferta;
- 9 — Dia de Visitas à Escola Sabatina;
- 16 — Dia das Relações Públicas;
- 23 — Dia da Temperança e Oferta;
- 30 — Educação Cristã e Oferta para as Escolas Primárias.

NOVEMBRO

- 6 — Dia dos Pregadores Voluntários e Oferta para a Sociedade Missionária;
- 6 — 13 — Semana de Oração e Sacrifício;
- 20 — Dia da Revista Adventista.

DEZEMBRO

- 4 — Dia Missionário e Oferta;
- 18 — Dia de Baptismos;
- 18 — 13.º Sábado.

Concílio quadrienal da Divisão Sul-Europeia

Bisileta, 19-23 de Novembro
de 1964

OBSERVAÇÃO DO SÁBADO

SABENDO que o Sétimo Dia é o SÁBADO do Senhor e que, segundo o Mandamento divino, temos de santificar cada uma das horas que o compõem,

Resolvemos:

1.—Reexaminar à luz das instruções bíblicas os princípios que aplicamos na nossa própria maneira de observar o Sábado, e de encorajar as famílias, os membros de Igreja e os jovens — nos seus lares e nas nossas escolas — a fazer o mesmo.

2.—Lutar contra o relaxamento da observação do Sábado — em relação, particularmente com as horas livres — e, com a ajuda de Deus, fazer deste Dia as nossas delícias «para santificar o Eterno, glorificando-O»; esforçarmo-nos por honrar a Deus, não seguindo os nossos caminhos, não procurando o nosso prazer e não nos entregando aos nossos próprios negócios.

3.—Consagrar o Sábado, 24 de Abril de 1965, à apresentação deste assunto espiritual vital, em todos os territórios da Divisão e, mediante um programa preparado pelo Departamento da Associação Ministerial, exortar os nossos membros e a nossa juventude a pôrem-se de harmonia com os verdadeiros princípios da observação do Sábado.

Os nossos prezados Irmãos e Irmãs ainda estão a tempo — é sempre tempo — de oferecerem às pessoas suas conhecidas e amigas uma boa e linda prenda: uma assinatura da SAÚDE E LAR ou da REVISTA ADVENTISTA.

As Festas e os Sábados Cerimoniais

na Antiga Dispensação

MUITAS vezes encontramos com irmãos de outras denominações cristãs com quem falamos do Evangelho do Senhor Jesus, os quais assim que se apercebem de que somos Adventistas, logo tomam prazer em nos fazerem mencionar o assunto da observância do Sábado. Alguns o fazem no sincero desejo de conhecerem melhor os nossos princípios, outros porém, no intuito de nos demonstrarem cabalmente o que eles pensam ser o nosso erro doutrinário da guarda do Sábado. Esta é uma experiência que por certo uma boa parte dos leitores já conhece bem.

O texto em que S. Paulo escrevendo à Igreja de Colossos diz que ninguém deve julgar os crentes por várias coisas entre as quais «os Sábados» que são sombras das coisas futuras, (Col. 2:16) assim como a admoestação «guardais dias, e meses, e tempos e anos, como voltais de novo a esses rudimentos fracos e pobres» (Gal. 4:9-11), são preferidos pelos nossos contraditores que entendem ver nestas passagens uma clara prova de que o respeito pelo quarto mandamento da Lei — pura, santa e justa (Rom. 7:12) — está caduco e por conseguinte não merece atenção.

Foi em parte por conhecer um pouco esta experiência e por saber que outros dentre nós passam por ela amiudadas vezes, que pensámos analisar este tema dos tais «Sábados», dos quais S. Paulo fala apropriadamente chamando-lhe sombras das coisas futuras, e também escrever algo sobre as Festas no antigo Israel, festividades estas, cujo estudo além de nos ajudar no assunto dos «Sábados», contém também elementos históricos e espirituais duma natureza francamente interessante.

Não entraremos em pormenor nas características das Festas em referência, deixando para quem o estudo possa interessar mais particularmente, os detalhes indicados nos textos a consultar.

A Bíblia na tradução de A. Figueiredo por ser mais conforme à letra original nas passagens referidas será preferida neste caso à que habitualmente conhecemos — Tradução J. F. Almeida.

As Festas

De todas as Festas que se realizavam em Israel designadas por Deus, três delas tinham um carácter mais vincadamente nacional e religioso e por isso todo o povo deveria congregarse nessas ocasiões diante do Senhor. Essas Festas eram as seguintes:

1 — Festa da Páscoa. (Os festejos dos Pães Asmos estavam tão intimamente ligados à Páscoa que por vezes quem dizia Festa da Páscoa dizia Festa dos Pães Asmos e vice-versa — S. Lucas 22:1 e 7).

2 — Festa das Semanas, das Primícias ou Pentecostes

3 — Festa das Colheitas ou dos Tabernáculos;

Textos: Ex. 23:14-17
Lev. 23

Deut. 16:16, 17

Estas Festas tinham as seguintes características:

a) Concentrava-se nelas simultaneamente um carácter agrícola e histórico. Estavam relacionadas com o ciclo das estações do ano e também com os grandes acontecimentos históricos da vida da nação.

b) Deviam ser observadas num local de destaque, habitualmente onde o tabernáculo se encontrava.

c) Toda a população masculina de idade adulta devia estar presente, no entanto as mulheres e as crianças compa-

reciam também e de bom grado.

Durante estes abençoados dias festivos tinham lugar solenes manifestações de culto num espírito de gratidão e consagração ao Senhor e em expiação pelos pecados cometidos. Traziam-se ofertas de animais ou produtos agrícolas como expressão de reconhecimento ao Altíssimo. Faziam-se também sacrifícios de imolação, para ensinar aos meros assistentes, e gravar bem vivo na memória dos adoradores, que o salário do pecado é a morte, e que a vida eterna só pode ser obtida pelo supremo sacrifício de Deus — a imolação de Seu Filho Jesus — a Oferta Toda-Completa, Toda-Satisfatória, o Perfeito-Dom. (Romanos 6:23).

Em Israel celebravam-se ainda outras festividades das quais citaremos duas das principais, as Festas das Trombetas e das Expições, pelo seu interesse em relação com os «Sábados» atrás mencionados.

A Festa da Páscoa

A Páscoa era a primeira Festa do Ano Religioso Judaico. Foi Deus mesmo que ordenou que assim fosse. Tinha lugar no primeiro mês chamado Abib (Nisan após o exílio de Babilónia) e no dia 14. Corresponhia este tempo a Março ou Abril do nosso calendário.

Deus instruiu Moisés para que aos 10 do primeiro mês, cada família, ou no caso das famílias serem pequenas, duas ou mais juntas, adquirissem um cordeiro e que à tardinha do dia 14 o sacrificassem e o comessem nessa mesma noite com ervas amargas e pães sem fermento.

Textos: Ex. 12:1-28
Deut. 16:1-7
Lev. 25:5

Comemoração

Typo: Comemoração da libertação do Egito. Typo da grande obra

Comemoração

Tipo: Festa das Colheitas. Comemoração dos quarenta anos passados no deserto. Tipo da consumação final do plano de salvação, no dia em que os remidos se encontrarão uns com os outros, e todos com Cristo, em grande gozo e alegria, em plena felicidade para as núpcias do Cordeiro. (Mat. 8:11).

CONCLUSÃO

Vemos assim que existia em Israel um certo número de Festivi-

dades do mais alto valor histórico e religioso, as quais se desenrolavam durante certos dias do ano, e entre os quais dias, havia alguns em que as Festas atingiam o auge, e que se denominavam **Sábados** porque eram dias festivos e o povo de Deus neles cessava o seu trabalho.

Estes «Sábados» eram sombras das coisas futuras, porque eram os dias em que se ofereciam sacrifícios que apontavam para o Sacrifício expiatório de Cristo na cruz do

Calvário. Eles eram símbolos, tipos, figuras, simbolizando a realidade que é Cristo.

Os antigos Israelitas não tinham possibilidade de confundir esses Sábados anuais com o Sábado do 7.º Dia do quarto Mandamento, pois guardavam esses «Sábados» só uma vez por ano, em data fixa no mês, ao passo que guardavam o Sábado do Decálogo, todas as semanas independentemente das datas festivas.

(Continua no próximo número)

Planos e realizações em Tomar e Entroncamento

Como a nossa estadia em Tomar, à hora em que escrevemos estas linhas, não vai além de dois meses, pois tomámos conta deste trabalho no dia 8 de Agosto passado, e também porque nada de especial digno de nota se passou neste espaço de tempo, limitar-me-ei desta vez a descrever alguns aspectos do nosso trabalho neste campo: Planos em vista e Realizações efectuadas ou a efectuar.

Ao entrarmos em contacto com esta Igreja, que compreende, além da cidade de Tomar, onde temos uma bela sala bastante espaçosa, a Vila do Entroncamento, Calçadas e Sertã, em cujos lugares temos trabalho organizado, deparámos com uma óptima orientação proveniente de bons métodos de trabalho seguidos pelo nosso antecessor, para cuja execução muito contribuí a boa colaboração de todos os membros da Igreja nos quais se nota um excelente espírito missionário.

Assim, não nos foi difícil prosseguir com as nossas actividades, seguindo no mesmo rumo o caminho já encetado, esperançados no bom êxito dos nossos esforços, tanto mais que a contínua boa colaboração da Igreja mais nos anima e encoraja. E como estamos a «dois passos» da época dos Esforços de Evangelização que nos propomos realizar em Tomar e Entroncamento com a óptima colaboração de toda a Igreja, devendo destacar especialmente a nossa entusiástica e sempre pronta juventude, e certos das bênçãos do nosso bom Deus,

em quem depositamos toda a nossa confiança, mais se acentuam as nossas esperanças.

Na Semana de Oração toda a igreja se reuniu para pedir ao Senhor as suas bênçãos para os esforços de Evangelização para que possam servir para que muitas almas não só oiçam a Palavra de Deus mas que por Ela possam ser

salvas para a vida eterna. Não quereis vós também, prezados Irmãos em Cristo juntar às nossas as vossas orações pelo nosso trabalho aqui em Tomar e Entroncamento? É o que desde já vos agradece o

vosso irmão em Cristo

J. J. Laranjeira

ORAÇÃO DE ANO NOVO

Senhor, ao passar o ano velho para a eternidade, faz que passe limpo de manchas e erros.

Que o Teu imperecível amor cubra os erros e as dores, os equívocos e os remorsos. Eleva os meus olhos para que eu possa ver o novo ano como caminho flamante pelo qual eu possa transitar, uma página nova na qual eu possa escrever, um novo período de serviço para Ti. Faze que eu possa sentir os Teus braços de amor ao redor de mim, de modo que não tenha medo de cair, que eu possa ouvir a Tua voz para não errar o caminho. Que eu possa estudar sempre a Tua Palavra, a fim de que eu não sirva de veículo às minhas próprias expressões, mas às Tuas. Faze que eu não desanime na adversidade nem me esqueça na prosperidade de que tudo provém de Ti. Dá-me uma porção do Teu grande amor pelas almas, para que não me tome de orgulho e me afaste delas.

Dá-me, meu Deus, aquelas coisas necessárias e que não sei como pedir. Nas Tuas mãos entrego a minha vida. Faze dela o que quiseres. E no dia que vieres para me levar para o lar, que eu possa ajoelhar-me a Teus pés, não com o peso morto no coração, dos dias mal vividos, mas com a certeza plena das alegres horas passadas em Teu serviço na medida em que dirigiste os meus pés. Amém. — Eleanor Chaffe Wood.

falsos profetas em Jerusalém (Jeremias 28) e também em Babilónia (Jeremias 29:21-23) que puseram em agitação os exilados, predizendo o regresso iminente à pátria do rei Joaquim e dos vasos sagrados do Templo.

Jeremias opôs-se aos falsos profetas da Judeia e quando soube o que acontecia em Babilónia escreveu aos exilados uma carta na qual os exortava a permanecer sujeitos a Nabucodonosor e a terem uma vida tranquila e pacífica. Dizia ele que o exílio duraria 70 anos (cap. 29). Alguns agitadores não quiseram ouvir o conselho de Jeremias e foram cruelmente castigados por Nabucodonosor por causa das suas actividades subversivas (cap. 29:22).

Este infeliz movimento custou provavelmente a Joaquim a liberdade de que até então tinha gozado em Babilónia; foi lançado numa prisão e ali ficou até à morte de Nabucodonosor.

Parece claro que Daniel não pertenceu ao partido subversivo dos Judeus no exílio e que aceitasse o conselho e a profecia de Jeremias, pois esperava pacientemente a libertação quando findassem os 70 anos de cativo. O livro de Daniel (9:2) diz-nos que o profeta orou ardentemente para que se cumprisse a profecia de Jeremias quando se aproximava o fim dos 70 anos de cativo.

No reinado de Zedequias, Nabucodonosor mandou erguer em Babilónia uma enorme estátua de ouro. Para a inauguração desta estátua foram convocados para Babilónia os governadores das províncias e os chefes das nações vassaladas. É possível que Zedequias fosse um destes chefes que tiveram de ir a Babilónia naquela altura.

Jeremias informa-nos de que o monarca empreendeu uma viagem a Babilónia (o que se deu no ano 594-593 A. C.). É provável que esta viagem estivesse relacionada

com a inauguração da estátua de ouro de Nabucodonosor. Sabemos que Zedequias era um homem débil de carácter e de nenhum modo fiel aos princípios. Não é, pois, improvável que se tivesse ajoelhado, simultaneamente com os outros príncipes e dignitários provenientes de outros países vassalados diante da estátua de ouro como sinal de lealdade e submissão ao soberano de Babilónia. Pelo contrário, Sadrach, Mesach e Abed-Nego, os três judeus ministros de Babilónia, recusaram-se a ajoelhar. Não sabemos onde estava, então Daniel, nem como se pôde subtrair à prova severa que tiveram de suportar os seus três companheiros. Provavelmente não estava em Babilónia e por isso não foi convocado para a inauguração da estátua, ou então o seu nome não foi mencionado na narração da terrível experiência narrada no capítulo terceiro do seu livro.

A SEGUIR

A destruição de Jerusalém e o cativo

